

As redes, remessas e impactos da imigração portuguesa na cidade do Rio de Janeiro.

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo tratar à lógica da imigração portuguesa para a cidade do Rio de Janeiro. Neste sentido primeiramente será necessário dividir este grande período datado desde o descobrimento do país, até os dias atuais em fases de modo a facilitar o entendimento de cada período no contexto econômico, social e político vivido por ambos os países. Em todos os itens destacados teremos em tela as motivações, os acontecimentos relevantes e as conseqüências geradas na cidade do Rio de Janeiro, recorte espacial da pesquisa. Todas as remessas serão abordadas de uma forma ampla e desligada de pequenos detalhes ou maiores especificidades. Vale ressaltar que a pesquisa esta pautada na análise generalista do fenômeno. Sendo assim, o estudo foi dividido em quatro grandes pontos, a saber: Imigração restrita, imigração de transição, de massa e de declínio. Neste sentido trabalhou-se com estes recortes temporais a fim de organizar melhor os dados e obter uma análise próxima da realidade.

Estimativas de Imigração Portuguesa no Brasil				
Período	América Portuguesa	Império Colonial	Média anual América Portuguesa	Média anual Império Colonial
1500-1580	100.000	280.000	500	3.500
1581-1640		300.000		5.000
1641-1700		120.000		2.000
1701-1760	600.000		10.000	
1808-1817	24.000		2.666	
1827-1829	2.004		668	
1837-1841	629		125	
1856-1857	16.108		8.054	
1881-1900	316.204		15.810	
1901-1930	754.147		25.138	
1931-1950	148.699		7.434	
1951-1960	235.635		23.563	
1961-1967	54.767		7.823	
1981-1991	4.605		406	

FONTE: Brasil: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro: IBGE, 2000

A imigração restrita (1500 a 1700)

A primeira onda imigratória européia para o Brasil aconteceu na corrida pelo ouro e diamante no interior da América. Com a descoberta de prata e ouro pelos espanhóis, os portugueses também tinham a esperança de encontrar suas minas e assim justificar a colônia brasileira. Antes disto, a ocupação era sobretudo no litoral com a exploração e cultivo de produtos primários. Só de portugueses no Brasil entre 1700 e 1800 foram entre 500 e 800 mil (GOMES, 2007) o que demonstra um movimento tímido, porém contínuo em função da colonização e da busca por minérios e pedras preciosas. A região das Minas Gerais era a mais populosa com 600 mil habitantes seguida posteriormente por Rio de Janeiro com 500 mil e em menor número localidades como a Bahia e Pernambuco. Neste momento o Brasil totalizava uma população não superior a três milhões, número este que provavelmente ignora as populações indígenas.

Este período, na questão do estudo da imigração é o mais complicado, devido à falta de muitas informações e dados. Sabe-se que as cidades nordestinas apresentavam uma população estrangeira, neste caso portuguesa, superior a cidade do Rio de Janeiro, até porque só poderíamos falar de cidade do Rio de Janeiro depois da data de sua fundação em 1565 o que remete a origem de seus atores principais como Estácio de Sá e a fortaleza portuguesa que defendia a cidade frente aos franceses. Desde o momento da fundação da cidade, o que já traz a presença portuguesa na cidade, até a chegada da Família Real em 1808 este espaço em destaque conviveria com imigrantes portugueses.

A imigração de transição (1700 a 1850)

No ano de 1808 na América portuguesa 2/3 da população era de negros, mulatos e mestiços, o que deixava a elite branca em minoria. O que contribuía neste grande número de negros era a escravidão bastante característica das cidades coloniais americanas da época. Com o fim do tráfico de escravos em 1850 o trabalho tornou-se livre e a oportunidade que faltava em alguns países da Europa como Portugal tornava-se disponível no Brasil.

Entretanto neste período um fato torna-se marcante tanto para Portugal, quanto para o Brasil. Quando a Família Real desembarca na cidade maravilhosa, este fato representa o principal acontecimento desta pacata cidade. A chegada da nobreza portuguesa e de outros profissionais liberais junto a alguns oriundos da classe desprivilegiada, ambos almejavam oportunidades de uma vida melhor e condições para que isto fosse possível. Estes grandes volumes de emigrantes dirigiam-se em grande parte para o continente americano e no caso brasileiro muitos procuravam o trabalho na lavoura de café e tantos outros afazeres na cidade. Diante de alguns fatores que retrata grande parte desta leva imigratória para o Rio de Janeiro, os portugueses que não desembarcavam diretamente na cidade em questão, mas sim, no porto de Santos, direcionavam-se para tal sítio ou para São Paulo. Por conta desta imigração conter pequenos empreendedores e profissionais autônomos com algum capital a ser aplicado no comércio urbano e na prestação de serviços, os portugueses eram considerados exploradores no período da independência por sua posição social. Fica evidente a impossibilidade de afirmar que todo imigrante português sitiado nesta cidade era abastado financeiramente, mas, alguns fatos não podem ser negados como em 1895 mais da metade dos cortiços do centro da cidade carioca serem de propriedade de portugueses. Outras atividades também eram dominadas por portugueses, como retrata a revista O Jacobino: “o monopólio de gente lusa de retalhistas, dos carris urbano, de lenha e do carvão...os açougueiros...” eram monopolizadores e atrapalhavam o progresso. De certo este grupo dominava determinados serviços e especulava os imóveis como forma de obter renda, nada anormal, porém como eram estrangeiros este tipo de atividade não era bem vista pela sociedade ainda mais sob domínio de uma classe que não fosse à elite brasileira.

Conforme relatado, em 1830 os imigrantes da região do Minho não eram pobres, eram de camadas elevadas da sociedade e traziam recursos financeiros para recomeçar a vida no novo mundo; eram “famílias de proprietários, de recursos financeiros. Os pobres também migravam, mas teriam como destino a região do Alentejo” (MONTEIRO, 2000). O preço das passagens de navio para o Brasil é outro aspecto que precisa ser levado em conta para determinar o padrão populacional de quem viajava na época e considerar alguns aspectos para estabelecer o tipo de imigrante que chegava no Rio de Janeiro, especificamente. Como o imigrante miserável não dispunha de recursos para realizar uma viagem desta magnitude e a imigração através de subsídios e cartas de

chamada do governo brasileiro só iniciaria mesmo em 1888, os imigrantes tinham que arcar com a própria despesa, e neste sentido, nem todos tinham a possibilidade de garantir o custo da travessia. Somando a estes fatores a fundação de importantes instituições portuguesas antes do início do século XX, como o Real Gabinete Português que data de 1837, da Beneficência Portuguesa de 1840, do Liceu Literário Português de 1868 e da Caixa de Socorros D. Pedro V indicavam uma comunidade sólida e letrada, portanto uma comunidade esclarecida de sua posição social, consciente da necessidade de defender seus interesses e de seus compatriotas. A formação das redes sociais é claríssima em movimentos de imigrantes e não seria diferente no caso dos portugueses na cidade do Rio de Janeiro, mesmo com o fato de a língua ser igual e da formação cultural, religiosa e étnica ser semelhante.

A mudança do perfil do imigrante português do final do século XIX para o início do século XX é considerável. Em 1870 a 1920 o aumento do número de mulheres e crianças com menos de 14 anos imigrando para o Brasil, ou seja, imigração de massa com famílias inteiras, foi facilmente notado.

Imigração em massa (1850 a 1960)

Os homens não vinham mais sozinhos para tentar a vida e depois voltarem a Portugal com um bom volume de capital e refazer a vida. As famílias vinham com todos os integrantes e as passagens depois do ano de 1912 representavam metade do preço de poucos anos atrás. A entrada destes portugueses na cidade foi imediata e maciça. Para compreender tal fato, basta analisar alguns dados. De 1870 para 1912 o volume de emigração de Braga, Porto e Aveiro aumentou 368%. Os distritos de Vila Real, Viseu e Bragança multiplicaram-se 40 vezes, indicando que o número de pessoas que tentavam uma oportunidade fora do país de origem disparava.

A chegada deste imigrante era representativa cada vez mais em direção aos centros urbanos e durante os anos de 1909 e 1919 vinham grandes ondas para o Rio de Janeiro. A entrada maciça e subsidiada tinha como objetivo a mão-de-obra necessária para a expansão da economia brasileira. A política de emigração portuguesa era assunto relevante e não se tratava apenas de um fenômeno curioso e desprezível. Em 1930 Portugal estimulava os emigrantes para irem a África e depois chegou a aumentar novamente o preço das passagens para evitar a emigração em massa, o que evidencia as políticas voltadas para tal questão. Havia também uma crise econômica mundial que sucedeu a segunda grande guerra mundial. Com a aproximação dos anos de 1930/40 e o estourar da guerra, a imigração portuguesa para o Brasil diminuiu e só voltaria a crescer com a chegada da década de 1960. A política portuguesa para segurar a debandada populacional funcionaria e o Brasil neste momento cresceria economicamente com a exportação de produtos escassos na Europa. Mesmo com vários fatores contribuindo para a emigração portuguesa aumentar, as conseqüências da segunda grande guerra só iriam ser sentidas no que tange a imigração para o Rio de Janeiro nos anos 50/60 ao contrário das disputas políticas em Portugal durante o ano de 1910 e da primeira guerra mundial que influenciaram diretamente no segundo movimento imigratório analisado.

Fato marcante realmente era dos pequenos produtores do norte de Portugal que vinham sendo expulsos das terras e retirados de suas pequenas propriedades por motivos de empobrecimento e impossibilidade de manter a produção num solo de pouca fertilidade e num período de secas prolongadas que geravam crises agrícolas e conseqüentemente quebravam as pequenas produções que não tiveram outra solução a não ser a de abandonar as terras. A crise social ocasionada por más colheitas e pela concentração fundiária em Portugal, acrescida pelo desejo de fugir do serviço militar e o

deslanche do desenvolvimento capitalista da economia brasileira foram às razões enumeradas para explicar os motivos mais contundentes ao fenômeno depois de 1910. Somado a este complicado processo ainda desenrolava-se um aumento demográfico na região, aumento do custo de vida e do desemprego. A formação de latifúndios e a entrada de máquinas afastaram os camponeses e os pequenos proprietários. Os imigrantes pobres são retratados por um escritor da década de 1820, Raimundo da Cunha Mattos. Diz ele que o português pobre, ao desembarcar nos portos brasileiros, vestia polaina de saragoça, (...) e calção, colete de baetão encarnado com seus corações e meia (...) geralmente desembarcavam dos navios com um pau às costas, duas réstia de cebolas, e outras tantas de alhos... e ... uma trouxinha de pano de linho debaixo do braço. Eram minhotos que, para sobreviver, dormiam na rua e procuravam ajuda de instituições de caridade. Este trecho apenas ratifica e fortalece a mudança do padrão de imigrante que o Brasil e a cidade do Rio de Janeiro recebiam. Mesmo com um número significativo de caixeiros imigrantes junto à chegada da Família Real, a imigração de pobres foi caracterizada durante as primeiras décadas de 1900/1920.

Mapa de Portugal por Regiões:



FONTE: Wikipédia, 2009.

A imigração de declínio (1960 aos dias atuais)

A situação atingia o desespero, pois também fugiam neste momento do serviço militar, das más colheitas e da concentração fundiária determinante para a miséria no país. Com tantas evidencias, seria estranho se não houvesse grandes levas emigratórias de Portugal. O Rio de Janeiro pode abrigar tantos portugueses justamente por fornecer, e pelo fato de existir as já citadas redes solidárias ou sociais. Mesmo sem estas, algumas eram criadas já que tantos imigrantes vinham com a promessa de morar no local de

trabalho, o que caracterizava uma exploração sem precedentes para o empregador e uma solução desesperada para o empregado português. Era fácil encontrar tal situação na cidade do Rio de Janeiro, porém talvez fosse mais comum em meados da década de 50 e 60, mas esta prática existia no início do século XX que ficava cada vez mais fortalecida pelos fracos laços de familiares destes imigrantes, fato que seria aproveitado pelo empregador, pois não contavam com o “porto seguro” e o auxílio de um familiar.

Os imigrantes tinham uma idéia comum de retorno para buscar a família, pois alcançavam um padrão de vida superior se comparado à pobreza e falta de perspectiva em Portugal. Com a forte presença desta imigração temos na cidade a conseqüente participação lusa no capital comercial, industrial, financeiro e imobiliário das principais cidades do Brasil. Diante de políticas restritivas a imigração para o Brasil e a proteção a mão-de-obra nacional, o país tem constatado que poucos portugueses pretendem levar a vida na América. Ademais, a emigração portuguesa durante a década de 1950 até o presente momento está voltada para a Europa central, ou seja, Alemanha, França, Luxemburgo, Suíça e outros. Há um aumento para os países de primeiro mundo como o Canadá e Estados Unidos. O Brasil não é mais um importante destino dos portugueses, visto o contexto histórico e econômico.

CONCLUSÃO

Diante das inúmeras contribuições para a construção da cidade do Rio de Janeiro, os imigrantes portugueses em diferentes estágios e épocas foram determinantes para o panorama atual. A grande questão central da pesquisa pode ser respondida quase que na sua totalidade, uma vez que as respostas nunca serão completas quando se trata de movimentos de pessoas e da análise de um quadro social.

Outros fatores interessantes poderiam ser abordados como questões do nível: Será que todo cidadão português direcionou-se ao Rio de Janeiro com as mesmas condições de trabalho e com os mesmo objetivos? Fatalmente esta resposta abarcaria distintas concepções e influencias, pois os imigrantes foram movidos no decorrer dos anos por fatores diferentes e com condições econômicas e sociais diferentes também. E porque exatamente o Rio de Janeiro e não outra cidade? Outra questão complexa e de rápida associação: estes portugueses logo repararam que teriam mais chance de vencer trabalhando nas cidades do que no campo. Sendo assim, procuraram de primeira o meio urbano como forma de acumular capital e atingir os objetivos. Mesmo que muitos destes senhores não tivessem experiência nenhuma com a vida na cidade, se arriscaram e enfrentaram as dificuldades de todo o imigrante, sempre no intuito de sobrevivência.

O impacto em Portugal seria outro ponto importante de análise. E fez sentido facilmente com tamanha quantidade de pessoas que abandonavam o trabalho e seguiam ao Brasil. A adaptação, mesmo com o fator língua auxiliando a comunicação, era duplamente difícil ser imigrante português na cidade do Rio de Janeiro, pois confundidos com o explorador/colonizador sofriam para ingressar na sociedade.

Por fim, a imigração trouxe ganhos evidentes e eventuais problemas para a cidade estabelecida como marco da presença deste povo no Brasil. As demais questões ficam a de eterno abertas para serem debatidas e analisadas. O que nunca poderá ser escondido é a influencia lusitana na urbe carioca.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRANTES, T (et ali). Emigração e Povoamento. Actualidade Portuguesa. Moraes Editores, Lisboa, 1973.
- ALMEIDA, C; BARRETO, A. Capitalismo e emigração em Portugal. Coleção Cadernos de Hoje, nº10. Prelo Editora, Lisboa, 1970.
- ARROTEIA, J.C. Aspectos da emigração Portuguesa. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. N°94(30), 2001.
- COSTA, F.R. Emigração: fatalidade irremediável? Cadernos República. Ed. Gráfica Portuguesa Lda, 1973.
- FISS, R. L. R. S. B. A Imigração portuguesa e as associações como forma de manutenção da identidade lusitana – Sul do Brasil. Scripta Nova. Revista Eletrônica de Geografía y Ciências Sociales. N°94(27), 1 de Agosto de 2001. Pelotas – RS.
- FREITAS, S. M. Presença Portuguesa em São Paulo. Imprensa Oficial. São Paulo, 2006.
- GOMES, L. 1808: Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a História de Portugal e do Brasil. Ed. Planeta. 4ª reimpressão. São Paulo, 2007.
- LOBO. E.M.L. Migração Portuguesa no Brasil. Revista Brasileira de História. Editora Hucitec. São Paulo.vol.23, nº45, 2001.
- Mar Português. Revista História Viva Grandes Temas. Duetto Editorial. Edição especial temática, nº 14, 2007.
- MARQUES, A.H. de O. Breve História de Portugal. 6º Edição. Editora Presença, Lisboa, 2006.
- MEDEIROS, C.A. Geografia de Portugal: Ambiente Natural e Ocupação Humana, Uma Introdução. 5º Edição. Temas de Sociologia. Editorial Estampa, Lisboa, 2000.
- NETO, H. P; FERREIRA, A. P.(orgs) Cruzando Fronteiras Disciplinares: Um panorama dos estudos migratórios. Rio de Janeiro. Editora Revan, 2005.
- OLIVEIRA, C.M.S. Saudades d'além mar: Considerações preliminares sobre a imigração portuguesa no Rio de Janeiro através da Revista LUSITANIA(1929/1934). UFPb,2002.
- OLIVEIRA, L. L. O Brasil dos Imigrantes. 2 edição, Editora Jorge Zaher, Rio de Janeiro, 2002.
- RIBEIRO, G. S. Mata Galegos: Os portugueses e os conflitos de trabalho na República Velha. Ed. Brasiliense. Coleção - Tudo é história, São Paulo,1990.
- SCOTT. A.S.V. As duas faces da imigração portuguesa para o Brasil(décadas de 1820-12930). Congreso de Historia Económica de Zaragoza, 2001.
- WALL, K. A outra face da emigração: Estudos sobre a situação das mulheres que ficam no país de origem. Cadernos Condição Feminina, nº14. Cadernos da Comissão da Condição Feminina. Lisboa, 2001.

